

Sarney vai reclamar a Bush problema da dívida externa

JORNAL DA TARDE
25 SET 1989

O presidente José Sarney vai dizer hoje ao presidente dos Estados Unidos, George Bush, que existe "um clima de estagnação e de lentidão na resolução do problema da dívida externa". Foi o próprio presidente Sarney quem antecipou a crítica à estratégia da dívida do governo Bush, ontem, ao ser abordado por repórteres no saguão do Hotel Intercontinental, ao voltar de um dia de passeio pelos arredores de Nova York (ver abaixo), depois de uma missa na igreja de Saint Patrick.

Do lado dos Estados Unidos, as expectativas para o encontro de hoje entre Bush e Sarney são outras. Um funcionário do governo americano contou ao JT que a prioridade deverá ser a renegociação do acordo do café pa-

ra estimular o agricultor colombiano a abandonar o cultivo da coca. O Brasil "será simpático à Colômbia", explicou o ministro Abreu Sodré, das Relações Exteriores, mas não vai querer levar prejuízo, perdendo algumas das 18 milhões de sacas de café — a cota da Colômbia, no acordo rompido em julho, era de 8 milhões de sacas.

O governo americano ainda incluiu na agenda do encontro Bush/Sarney uma reafirmação das boas relações entre os dois países, a crise panamenha e o narcotráfico. "Queremos ficar nos assuntos regionais, mas se o presidente Sarney iniciar uma conversa sobre a dívida, estaremos preparados", disse o assessor da Casa Branca. O encontro deverá durar

de 30 a 40 minutos, no Hotel Waldorf Astoria (ao lado do Intercontinental, onde está hospedado Sarney). O assessor Carlos Henrique disse ontem que ainda há outros itens de discussão: acesso à tecnologia, relações bilaterais e ecologia, mesmo em tão pouco tempo.

Depoimentos

Ao regressar ao Brasil, o presidente Sarney tem pelo menos um compromisso já confirmado. Na última sexta-feira o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu solicitar ao presidente e a cinco ministros de Estado que apresentem seus depoimentos no processo de mandado de segurança que tenta desarquivar a CPI da Corrupção.

Como o "PR" (Sarney) driblou a imprensa norte-americana

O "PR" saiu da igreja Saint Patrick, na 5ª avenida, e entrou no "Águia" para uma visita à "casa do Roosevelt".

"PR" é o presidente Sarney, entre seus agentes de segurança. E "Águia", a limusine presidencial, dirigida por um motorista do FBI.

O desejo do "PR" era o de conhecer uma casa presidencial, porque vai inaugurar uma própria, em 15 de março, quando voltar de Brasília para São Luís do Maranhão. É o que batizou de "Projeto Memória". Uma repórter obteve o endereço da "casa do Roosevelt", e a maioria dos outros repórteres a seguiu. A cara-

vana (três carros) tomou o rumo leste, em direção a Hopskill — nem mesmo a Radiobrás tinha informações exatas sobre o programa presidencial em Nova York. A primeira equipe de TV que chegou à "casa do Roosevelt" assustou três senhoras que estavam numa lojinha de lembranças. "Onde está o presidente?", perguntou um repórter. Uma das velhinhas quis saber "como era o presidente". E recebeu esta descrição: "Baixinho, bigodes grandes. Está de jaquetão". Ela aconselhou a equipe a subir para ver "se o presidente não estaria disfarçado entre outros visitantes". A esta altura, quase meio-dia, o "PR" entrava

na "casa do Roosevelt" a 300km dali, em Pougkeepsie, ao norte de Nova York. A imprensa tinha ido à casa de Teddy Roosevelt (presidente dos EUA na virada do século), e o "PR" estava na casa de Franklin Delano Roosevelt (eleito quatro vezes, a primeira em 32).

O secretário particular do "PR", Augusto Marzagão, viu muito quando os repórteres lhe contaram a viagem inútil, e a relatou ao presidente Sarney, no restaurante "La Cremerie" por telefone. Consta que o "PR" também achou o episódio engraçado.